

humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLUME III



COIMBRA

MCML - MCMLI

supor que as primeiras formas derivam directamente das segundas, quando isto não é exacto: num caso, os dois vocábulos filiam-se em temas paralelos — de futuro e de presente — de uma raiz comum, e no outro são palavras ligadas simplesmente por um elo semântico.

Verifica-se, em geral, segurança de doutrina. A frequente comparação de construções gregas e latinas é óptimo sistema, susceptível de produzir os melhores resultados na população discente, a que a obra é destinada. Nas escolas em que a cultura clássica usufrui alto prestígio e desafogada vida, largamente se utiliza este processo. Vários são até os livros escritos no sentido do ensino paralelo da sintaxe das línguas clássicas. Em 1940, por exemplo, saiu em Florença, «in aedibus Felicis Le Monnier», um interessante volume de Gaetanus Balboni, intitulado *Exercitationes parallelae Graecae et Latinae linguae*.

Entre nós também se vai seguindo tal sistema em aulas universitárias, bem como no ensino liceal, onde tão louvável orientação é preceituada no programa oficial da cadeira de Grego.

Verificada a probidade com que se apresenta a nova edição da *Anábase*, julgamos que a mesma poderá prestar muito bons serviços àqueles que., nos dois países peninsulares, se iniciarem nos mistérios do grego por meio de um texto de tão antigas como frutuosas tradições pedagógicas.

FELISBERTO MARTINS.

St. AUGUSTINE'S *De Musica*. A Synopsis by W. F. Jackson Knight.

The Orthological Institute, London, [1949]. 125pp.

Os seis livros *De musica*, que S.to Agostinho escreveu entre 387 e 388, não passam de uma introdução ao próprio tema designado pelo título. Mas, apesar de tratar apenas da métrica, ela não deixa de transpor, ainda assim, os limites da estética poética e musical moderna. Se a concepção de S.to Agostinho por um lado se distingue pela relação característica com a natureza concreta (u. g., ao apresentar o *plausus* determinado pelo levantar e pôr do pé, na dança) e com a propensão humana e animal para movimentos e sons rítmicos e métricos, a sua análise acaba por integrar-se no pensamento teológico, ao estabelecer como critério estético o da harmonia intrínseca e ao idear, além dos diferentes ritmos, concretos e perceptíveis, que distingue e define, a sensibilidade rítmica, imutável e eterna,

como de origem divina e transcendendo a percepção concreta e a expressão estética.

Definida, no primeiro livro, a música como *ars*, sc. *scientia bene modulando*, o segundo trata de sílabas e pés métricos, passando o terceiro a ocupar-se da distinção entre o ritmo (qual sucessão contínua de sons musicais), o metro (qual sucessão limitada de sons musicais) e o verso (ao mesmo tempo metro, por ser de extensão limitada, e ritmo, por obedecer, na combinação dos seus pés, a um princípio fixo). Os dois livros seguintes são dedicados ao metro e ao verso, distintos pelo princípio da divisão ao qual o verso está sujeito, e o metro, não. Se os primeiros cinco livros têm principalmente carácter estético-técnico, o sexto, que trata propriamente do ritmo, nas diversas acepções do termo, revela com maior nitidez a orientação religiosa e ética, e a estrutura teológica do pensamento agostiniano, ainda, a incidir sobre este assunto.

Dado o carácter dominante, desde o *Fedro* de Platão, da concepção métrica da poesia e da poesia como «música», os seis livros do *De musica* de S.to Agostinho não podem deixar de ser considerados como elucidavos, particularmente interessantes pelas suas observações técnicas e pelo que revelam sobre os fundamentos teóricos e éticos da música e da poesia medieval.

A edição inglesa que W. F. Jackson Knight apresenta não é a tradução integral do texto latino. Resumindo e parafraseando o original, a versão inglesa constitui antes um comentário introdutivo à teoria agostiniana do metro, do verso e do ritmo. Jackson Knight justifica o processo adoptado por razões formais e pela afirmação de o tratado deparar com «desinteresse geral». Mas serão realmente a forma dialogal e a fraseologia teológica que obstem à justa apreciação do *De musica* ? Será realmente persuasivo o argumento de «o desprezo do valor de teorias métricas (...) conhecidas ou supostas de ser apresentadas no texto» desviar dela o interesse que poderia merecer? Sem duvidarmos da competência do ilustre filólogo inglês no juízo que faz do interesse ou desinteresse do público intelectual e erudito, ao qual se dirige, e sem negarmos que os tratados métricos da Antiguidade, por si mesmos, podem ser considerados de reduzida importância prática hoje em dia, não será despropositado lembrar que estes mesmos tratados não deixam de ser significativos e característicos em relação à teoria e prática ou técnica estética da sua época, como todos os escritos teóricos. Significativa e característica, é também a sua relação com a matemática e a ética, expressa no sentido atribuído aos números. As investigações recentes, nomeadamente

as de Ernst Robert Curtius, levaram a uma valorização instrutiva e nova destes tratados antigos e dos seus conteúdos, susceptível de contribuir também para a compreensão adequada dos seis livros do *De musica* de S.to Agostinho, — não sob o aspecto assaz duvidoso da estética psicológica, sob o qual se pretende actualizar a concepção agostiniana, mas antes sob o da sua integração na estética histórica, na técnica e arte versificatória e poética da Antiguidade, e da sua projecção tradicional através da Idade Média.

É certo que o epitome e a paráfrase da substância e da arguição da teoria agostiniana, na tradução de Jackson Knight, não substituem nem tornam supérflua a edição crítica e comentada do original, que o próprio tradutor felizmente se propõe elaborar; mas não deixam de ser utilíssimos, pelo seu incontestável valor informativo, e merecem todo o aplauso pelos serviços apreciáveis que prestam quanto à iniciação no pensamento expresso no referido tratado.

ALBÍN EDUARD BEAU.

Erasmus da Rotterdam — *L'apoteosi di Reuchlin (Apotheosis Capnionis)*. Saggio introduttivo ai *Colloqui*, testo e traduzione a cura di GIULIO VÁLLESE. «Collezione Umanistica» diretta da G. TOFFANIN, IV. Napoli, R. Pironti & Kigli editori, 1949. 143 pp.

A presente edição bilingue, latina e italiana, do diálogo *De incompatibili heroe Johanne Reuchlini in divorum numerum relato sive Apotheosis Capnionis*, dos *Colóquios* erasmianos, inserta na colecção de textos humanísticos dirigida pelo grande erudito especializado na historia do Humanismo que é Giuseppe Toffanin, segue-se às publicações do panfleto *Contro Vipocrisia (I frati ipocriti)*, de Poggio Bracciolini, igualmente editado, traduzido e comentado por Giulio Valiese (1946, xx1-j-118 pp.); de uma selecção do tratado *De incognitis vulgo*, de Galeotto Marzio da Narni, editada na versão original e na tradução italiana, sob o título de *Quel che i più non sanno*, por Mario Frezza, com prefácio de Giuseppe Toffanin (1948, xxxiii -f* in PP*)j e de *Il piacere*, tradução italiana do diálogo *De voluptate ac de vero bono*, de Lorenzo Valla, editada por Vincenzo Grillo (1948, XV-f338 - pp.). Abrangendo textos como o de *Quel che i più non sanno*, que pertence mais à história do Anti-Humanismo do que à do próprio Humanismo, e *Il piacere*, em que é preciso desvendar a substância